João Paulo Peixoto Diógenes

O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DE LEITORES PROFICIENTES



Editora

O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DE LEITORES PROFICIENTES

João Paulo Peixoto Diógenes

Volume 1

Editora Aluz

Diretora
Barbara Aline F. Assunção
Produção Gráfica
Editora Aluz
Capa
Editora Aluz
Diagramação
Editora Aluz
Revisão Técnica
Karoline Assunção
Jornalista Grupo Editorial Aluz
Barbara Aline F. Assunção, MTB 0091284/SP
Bibliotecária Responsável
Sueli Costa, CRB-8/5213

CARO LEITOR,
Queremos saber sua opinião sobre nossos livros.
Após a leitura, siga-nos no Instagram @revistarcmos e visite-nos no site revistacientificaosaber.com.br

Copyright © 2023 by João Paulo Peixoto Diógenes
Todos os direitos desta edição reservados à Editora Aluz

Rua Benedito Carlixto
11730-000 -Mongaguá– SP
Telefone: (11) 94170-2995
instagram.com/revistarcmos

Conselho Editorial
Dr. José Crisólogo de Sales Silva. São Paulo, Brasil.
Dr. Jorge Adrihan N. Moraes. Rio de Janeiro, Brasil.
Dr. Eduardo Gomes da Silva Filho. Roraima, Brasil.
Dra. Ivanise Nazaré Mendes. Rondônia, Brasil.
Dr. Ivanildo do Amaral. Assunção/PY.
Dr. Luiz Cláudio Gonçalves Júnior. São Paulo, Brasil.
Dr. Maurício Diascâneo
Dr. Geisse Martins. Flórida EUA.
Dr. Cyro Masci. São Paulo, Brasil.
Dr. André Rosalem Signorelli. Espírito Santo, Brasil.
Me. Carlos Alberto S. Júnior. Ceará, Brasil.
Me. Michel Alves da Cruz. São Paulo – Brasil.
Me. Paulo Maia. Pará, Brasil.
Me. Hugo Silva Ferreira. Minas Gerais, Brasil.
Me. Walmir Fernandes Pereira. São Paulo, Brasil.
REVISORES
Guilherme Bonfim. São Paulo, Brasil.
Felipe Lazari. São Paulo, Brasil.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DE LEITORES PROFICIENTES. 1. Ed – São Paulo: Editora Aluz Científica, 2023.
75 p..
ISBN:

1. Escola 2. Leitores 3. I. João Paulo Peixoto Diógenes, . III. Título
CDD-378

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Este ebook foi apresentado como monografia ao Curso de Especialização (Lato Sensu) da FATE – Faculdade Ateneu em parceria com a Accessu Educação Superior, como requisito parcial para obtenção do Certificado de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura. Área de Conhecimento: Ensino.
Orientadora: Maria Socorro Bezerra Leal

PREFÁCIO

Ao tratar da temática, ***O papel da escola na formação de leitores proficientes,*** é de suma importância apresentar a capacidade de ler como instrumento fundamental de acesso ao povo e, portanto, um meio de conhecimento e crítica dos fatos históricos. É uma condição para dar voz ao cidadão.

O assunto analisado alerta sobre o reconhecimento da leitura como condição indispensável ao desenvolvimento social e a realização individual, além de apontar para a importância da integração escola - família – comunidade em termos de conhecimentos, habilidades e atitudes.

Nessa perspectiva, justifica-se a necessidade de ampliar as possibilidades de superação das dificuldades para facilitar o acesso ao domínio da língua materna e poder conhecer, refletir e atuar sobre a sociedade que exclui das mais diferentes formas os que não se inserem nas exigências de uma sociedade leitora.

Este trabalho mostra que a leitura é o elemento principal para a democratização na escola, sendo primordial o compromisso profissional do professor. A escola deve garantir aos alunos um contato saudável, democrático, ativo e rico do leitor com o texto e esse possa fazer relatos orais, compreender as coisas ao seu redor e sentir prazer em ler.

Espera-se que esta obra sirva de reflexão sobre o processo de aquisição e de desenvolvimento

da leitura na escola, no mesmo encontram-se sugestões aplicáveis, compreensão para algumas dúvidas que impedem a leiturização na escola e a democratização do livro para prática livre e espontânea.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista a importância da leitura e os problemas decorrentes do ensino e aprendizagem nesta área, desenvolvemos um estudo sobre o processo de aquisição de leitura: O Papel da Escola na Formação de Leitores Proficientes.

Ao analisar as aulas de Língua Portuguesa em escola pública, pode-se perceber a maneira como elas são ministradas, sem muito estímulo aos alunos, pois falta-lhes um método que incentive o hábito da leitura nos alunos e, consequentemente, uma produção escrita.

A elaboração desta obra busca implementar e validar uma proposta para docentes, oferecendo possibilidades aos discentes de despertarem para um processo de leitura crítica e inovadora, capaz de levar a significados mais amplos sem correr o risco do ato “puramente mecânico”, mas de uma aprendizagem satisfatória que funcione impulsionando o desenvolvimento e a formação da autonomia e na construção do senso crítico.

Assim, a ênfase desse processo vai recair na função da escola criar condições necessárias para o aluno realizar-se como leitor proficiente, capaz de compreender a leitura interdisciplinar e concretizar o ato de ler conforme interesses e necessidades as quais contribuirão para aprimoramentos futuros.

Inicialmente foi tratado aqui o esforço que o professor deve ter ao tentar descobrir quais motivos levam o aluno a não gostar de leitura e, a partir da coleta

desses dados, tentar encontrar meios que levem o mesmo a valorização de uma leitura eficiente.
Por ser um trabalho sobre a importância da leitura e o desenvolvimento do leitor, é relevante apresentar sugestões para o desenvolvimento de novas experiências na área em que se procura resgatar e estimular a leitura no sujeito e este desenvolverá inúmeras habilidades, dentre elas, a de escrever.
Tratar-se-á também de pesquisar as causas que levam a maioria dos educandos a não adquirirem proficiência em leitura e o que leva a escola a não fazer, de seus alunos, bons leitores, já que a falta dessa prática de leitura acarreta problemas futuros na formação de sujeitos inibidos, desmotivados e receosos quanto ao desenvolvimento da leitura e posteriormente o fracasso escolar.
Nesse trabalho atenta-se para que a escola supere todos os obstáculos inerentes à leitura e adote uma proposta de ensino voltada para a competência comunicativa e a interação autor via texto.
Aqui será mostrado também o papel da família, escola e comunidade, os quais interagem no desenvolvimento da leitura em contato permanente, visando à democracia livre de opiniões, competências e mudanças.
Diante dos aspectos aqui enfatizados, fica claro, portanto, a urgência em se detectar os problemas pertinentes à aquisição da leitura para trabalhar com os alunos, tornando-os leitores capazes de pensar, agir e interpretar a realidade na qual devem atuar. O desafio é encontrar as razões e a forma correta de intervir.

CAPÍTULO 1
IMPORTÂNCIA DA LEITURA

Na sociedade atual, a palavra escrita ocupa um espaço muito importante, pois, por meio dela, é registrada a história da humanidade cabendo a nós desenvolver esses registros a partir de leitores proficientes. Mesmo sendo a escola a principal preconizadora de uma leitura informativa, espontânea, parece que a mesma não vem cumprindo com seu devido papel de propiciar aos educandos as atividades de leitura e escrita, não só nas aulas de Língua Portuguesa, mas em todas as disciplinas. Portanto é imprescindível que haja por parte de alunos e professores uma consciência da importância do desenvolvimento dessas atividades.
Nesse sentido o estudo sobre a leitura deve ser questionado, para que o processo de aquisição da leitura na escola e suas práticas pedagógicas possam ser modificados e diante de tais mudanças e esforços consigamos promover o desejo e o prazer de ler. Em vista disso, concorda-se com estudos da SEC/PR que diz:

> "A leitura utilizada como instrumento formativo afasta o homem dos vícios, da hipocrisia, da banalidade, da vulgaridade e, sobretudo, do tédio e da angústia. *De uma boa* leitura o homem ressurge consolado, otimista e disposto a continuar a luta

> que empreendeu até o *final"*. (SEC/PR. 1997:530)

Assim, neste capítulo pretende-se mostrar a importância da leitura em alguns aspectos: apresenta-se a situação da leitura na escola; tenta-se mostrar que o gosto pela leitura pode ser estimulado e para isso se dá sugestões de seleção de textos a nível dos alunos para desenvolver o prazer de ler. Entendendo que é possível estimular esse prazer, passa-se para a percepção de que é necessário que se comece a trabalhar uma leitura crítica para compreender a realidade, não aceitando tudo o que está escrito como algo correto e não suscetível a críticas.
Compreendendo que a leitura e escrita são atividades interdependentes, este capítulo tenta fazer com que as atividades de leitura possam favorecer nos educandos uma maior facilidade nas produções escritas, pois sabe-se que quem tem o hábito, além de escrever com mais facilidade obtém um amplo conhecimento do mundo.
Sendo a leitura um dos instrumentos mais importantes para o crescimento intelectual do homem, uma vez que, virtualmente, todo aprendizado humano se baseia na capacidade de ler, faz-se necessário aqui se analisar o processo de aquisição da leitura na escola, pois percebe-se que o ato de ler, em seu sentido amplo, que é formar leitores críticos e criativos, capazes de interpretar o que leem ou o que fazem, sendo capazes de atribuir significados a linguagem escrita, julgar e avaliar os argumentos lidos.

1.1 Leitura como Objeto de Escolarização do Aluno

A leitura deve ser entendida como peça chave de todo processo de escolarização do discente, por isso Gnerre (1985:25) afirma:

> "A maior herança que a escola pode deixar a um aluno é a capacidade de ler e o gosto pela leitura. Se o aluno passar pela escola e aprender pouco, mas for um bom leitor, ele terá nos livros e revistas um prolongamento da escola e poderá se desenvolver muito além do que a escola esperaria de um aluno ideal" (GNERRE, 1985:25).

O desenvolvimento intelectual dos alunos está intimamente ligado ao da escrita, que deve ser entendida nesta obra, tanto como a habilidade no uso desta modalidade de linguagem para ler e escrever textos de acordo com as exigências da sociedade em que o indivíduo está inserido, como também de entender o mundo decifrando documentos deixados ao longo de nossa história.
Estando a leitura presente em todo processo de escolarização desde a alfabetização até a universidade, esta permite ao educando a responsabilidade pelo fracasso ou sucesso deste, pois é através dela que se adquire os conhecimentos nas diversas áreas. Seu desenvolvimento não é função exclusiva da escola, outras instituições como família, bibliotecas e Estado também são responsáveis pelo seu desenvolvimento.

Como a leitura é um instrumento de não alienação e de libertação, concorda-se com a afirmação de Brandão (1997:22):

> "A leitura como atividade de linguagem à uma prática social de alcance político. Ao promover a interação sobre os indivíduos, a leitura compreendida não como leitura da palavra, mas também como leitura do mundo, deve ser atividade constitutiva de sujeitos capazes de inteligir o mundo e nele atuar como cidadão".

Em outras palavras, pode-se dizer que a leitura interfere no contexto político, social, econômico e cultural das sociedades, já que é capaz, por si só, de promover e transformar as coisas, o mundo e a si mesmo.

Todavia o que vem causando transtorno nos educadores nos últimos tempos é o ensino da leitura, levado ao acaso e ministrado de modo fragmentado. Parece que ainda não acordaram para o tamanho da importância da leitura, haja vista ser a mesma base de toda escolarização do aluno.

E o que se vê são os professores tentando fazer com que alunos estudem a língua como forma de purificar sua fala, pois a escola considera defeituosa essa língua que os mesmos trazem de seu ambiente social. As aulas são, em sua grande maioria, estudos de gramática em que se impõe a norma culta padrão. Isto faz que os alunos pensem que o ensino de português tem função somente escolar, achado, assim, que o que aprendeu na escola não

serve para sua vida prática.

A leitura não é praticada somente nas aulas de língua portuguesa como já fora citado. Ela é a base de toda escolarização do aluno e os professores das outras disciplinas também precisa ter consciência de sua importância e empreender atividades para desenvolvê-lo para que os educandos possam compreender melhor as leituras que fazem quando estudam determinado assunto, pois a maioria dos problemas que os alunos enfrentam nos estudos são decorrentes da não compreensão da leitura que realizam. Cagliari (1989:148-149) cita ainda um exemplo muito comum em nossas escolas:

> "Alguns alunos têm dificuldades em resolver alguns problemas de matemática, mas porque não sabem ler o anunciado do problema (...). Não basta ensinar só as relações matemáticas; é preciso ensinar também o português que a matemática usa".

Percebe-se, então, que a leitura está presente no cotidiano, uma vez que se precisa dela nas outras áreas de estudo: na Biologia, Economia, Geografia, História, Psicologia, etc. por isso, deve-se estar preparados para atender de forma clara e precisa as especificidades de cada área.

Um outro aspecto a ser considerado no fracasso da leitura é a ausência de uma tradição nas escolas de utilizar as bibliotecas e as salas de leitura. Apesar do Ministério da Educação e Cultura do Governo do Estado esta ultimamente se preocupando com

a distribuição de livros, em algumas escolas não existem estrutura física e recursos humanos para que se efetive esse programa. Não há, por parte dos professores e coordenação das escolas, um conhecimento preparando até mesmo uma consciência da importância de estimular os alunos a usarem as bibliotecas.

Por esse motivo, algumas bibliotecas escolares se encontram ou mal usada ou fechadas. Sabe-se ainda que a maioria dos professores não tem o hábito de ler, por razões diversas, como falta de tempo, baixos salários que não permitem comprar livros, falta de interesse e compromisso educativo que acabam por contribuir para que o professor mantenha distância deste ato tão importante.

Acredita-se, porém, que para ser educador, verdadeiramente, essas barreiras devem ser superadas e que deva ser dado a leitura o lugar que lhe cabe no, entanto o que Silva (1986:67) constata é que:

> "(...) o processo de formação do leitor na escola está articulado a um cotidiano onde o que existe é um intricado conjunto de mecanismo que acaba por NEUTRALIZAR a prática da leitura como geradora de uma experiência de reflexão, domínio de linguagem e organização do real, construindo o "faz de conta" do ensinar e do aprender a ler.

Sendo assim, é preciso que os professores tomem consciência da importância da leitura e percebam que se eles não forem leitores proficientes, jamais

conseguirão tornar seus alunos apaixonados pela leitura.

Como cita Kleimam (1997:1-***5): "Para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura".*** Portanto, o fracasso que a escola vem sofrendo é também o fracasso da leitura, porque seu ensino se limitou somente ao processo de decodificação e sua compreensão ficou sendo estendida como memorização. E com esse fracasso veio também a falta de estímulo para a produção escrita que parece não ser uma atividade da vida cotidiana e tornou-se um ato praticado somente na escola para ser avaliado pelo professor. A escola precisa, portanto, criar programas de estímulo para desenvolver o hábito de leitura em seus alunos facilitando, por conseguinte, o desenvolvimento da produção escrita.

Diante da situação em que o ensino da leitura se encontra surgem as seguintes perguntas: O que será que aconteceu com as crianças e jovens de nosso país que não se entusiasmam mais com os livros? Por que a escola, que tem como função principal despertar o gosto pela leitura, está afastando os alunos desse ato tão importante e prazeroso?

São muitos os motivos que fazem com que o Brasil não seja um país de leitores. Entre estes se pode citar a falta de estímulo para a leitura na escola, bem como na família, o alto preço do livro e falta de programas públicos que estimulem essa prática. E a escola, que é o principal espaço de democratização da leitura, precisa fazer algo para transformar essa realidade.

Essa atividade que poderia divertir os alunos,

transformou-se em algo mecânico e obrigatório com textos fragmentados sobre os quais se fazem meia dúzia de perguntas de interpretação e gramática parecendo, assim, um trabalho improvisado.
Como a escola, na maioria das vezes, é o local onde o aluno da escola pública vê livros e pessoas lendo, cabe ao professor a tarefa de despertar as crianças e jovens para a leitura como uma atividade lúdica, na qual o livro é, antes de mais nada, fonte de prazer.
Tendo em vista importância da escola na formação das pessoas e de leitura proficientes, tencionamos, nas páginas que seguem, abordar a leitura na escola.
Nota-se em Silva (1981:04) que ler e escrever são tarefas atribuídas à escola, a esse respeito o autor comenta:

> "Se a criança vive em um contexto que favorece a leitura, sua passagem pela escola é relativamente tranquila. Cabe ***à*** escola dar continuidade a essa tarefa já iniciada. Todavia, se a criança provém de um ambiente onde inexiste à prática da leitura, cabe à escola dar início a esse hábito. Mas, quanto a essa tarefa, a escola parece fracassar. Grande parte de sua clientela não consegue se iniciar na leitura, fazer dela um instrumento que lhe permita interpretar a realidade e nela atuar".

Percebe-se, então, que a escola assume uma função muito importante, uma vez cabe a ela iniciar,

promover e continuar o ato de ler, criando um conhecimento favorável à leitura, produzindo leitores capazes de compreender e interpretar a realidade. Dessa forma seria ideal se em casa essa atividade fosse estimulada e até mesmo antes de frequentar a escola a criança tivesse contato com a leitura, sendo os livros parte de seus brinquedos, pois como afirma Alliend em sua obra ***Leitura***: ***teoria, avaliação e desenvolvimento***:

> "As crianças com maior disposição para a leitura são aquelas que provêm de lares em que os pais lhes leem histórias. (...) que veem os adultos lendo cm variadas situações, que percorrem livrarias, folheando livros e revistas, que comentam as notícias de jornais. (...) que têm em casa um lugar adequado e tranquilo com livros para ler" (ALLIEND, 1987: 37).

Como a maioria dos alunos da escola pública, porém não têm na família um estímulo para criar o hábito de leitura, a escola precisa começar a trabalhar essa atividade de forma lúdica para incentivar esse gosto e perceber que esse ato não vem apenas do berço. Apesar da influência da família ser importante para a formação do leitor, esta pesquisa tenta mostrar que este fator não é o que define este hábito e propõe apresentar métodos e sugestões para criação de atividades de leitura. Não se tem a intenção de criar um programa acabado, pois cada escola tem uma realidade diferente e cada sala de aula também tem interesses diferentes. Fornecer-se-á somente algumas sugestões que devem ser

consideradas nas seleções de textos em qualquer atividade de leitura.
Quando os alunos não têm o hábito da leitura, os textos indicados devem estar em harmonia com a sua realidade para que possam identificar se nesses textos, pois quando o leitor se encontra no que lê a leitura toma-se fácil, familiar e prazerosa. Sendo assim, se os professores estiverem informados das atividades esportivas e de lazer de seus alunos e procurarem textos e livros com ações semelhantes, estimularão o gosto pela leitura.
A leitura, porém, não deve ficar somente na realidade do aluno, ela também deve trazer novos para que ele perceba que se pode conhecer o mundo, viajar através dela e criar vida nova. E para que isto aconteça, quando o leitor estiver um pouco mais experiente, deverá entrar em contato com vários tipos de textos. Além disso, a leitura não deve acabar no ato de ler; os textos devem ser comentados para que se perceba que sempre se aprende algo novo ou para compreender que o indivíduo cresce interiormente e isso o torna mais valioso.
Um outro aspecto importante que se deve considerar para a seleção de textos é o nível intelectual do aluno. Os textos não devem estar além ou muito aquém do seu nível. Quando a linguagem é muito difícil, a leitura torna-se incompreensível e enfadonha. Enquanto que textos com linguagem muito simples e aquém do seu nível fazem com que os alunos não pensem e achem que a leitura não está os enriquecendo intelectualmente.
Há ainda o nível socioeconômico do aluno para o

qual o professor deverá estar atento. Se em casa não há um local adequado para que as atividades de leitura se desenvolvam, é necessário que a escola crie um espaço para essa atividade e que a biblioteca esteja sempre alerta para aqueles que não dispõem de livros em casa.
Para o bom desenvolvimento da leitura, o professor deve ainda procurar não inibir o interesse do aluno evitando:
· Ênfase excessiva nos exercícios de habilidades nos alunos e treino de aspectos isolados como letras e palavras para não deixar transparecer com isso que a leitura não é um ato de comunicação.

- Os métodos tradicionais como leitura continuada e correção no decorrer da leitura para não tornar essa atividade mecânica, fazendo com que o aluno não compreenda o texto como um todo.
- Livro único para todo o ano, com repetição de textos que tornam as aulas monótonas, e os alunos achem que não estão tendo oportunidade de buscar coisas novas.
- Exercício de influência na leitura de lazer, fazendo com que o aluno não tenha oportunidade de mostrar que com essa leitura se aprende algo novo.
- Usos de método uniforme de leitura para crianças atrasadas e adiantadas.

A maior preocupação da escola quanto ao estímulo à leitura deverá ser nos primeiros anos de escolarização o que vem concorrer para despertar esse prazer logo cedo. Porém, se isto não acontecer haverá sempre chance de se estimular o gosto pela leitura. Pode ser que este esteja inibido precisando apenas

de um estímulo. Esta pesquisa se propõe a mostrar que isso é possível. Portanto, professores e pais devem tentar descobrir os impulsos e interesses dominantes do leitor, observando alguns aspectos citados, porém sem esquecer que a liberdade de escolha do leitor é um dos fatores mais importantes para o estímulo.

Apesar dos caminhos aqui apresentados, não existem fórmulas nem receitar prontas para despertar o gosto pele leitura e nem mesmo a consciência da importância da leitura levará o aluno a despertar esse gosto. Serão os interesses e motivações que o levarão a essa prática. Para isso, a escola poderá fazer campanhas para aumentar o acervo de livros da biblioteca ou alunos de uma classe poderão fazer trocas com os de outra classe. Poderão ainda estabelecer conversações sobre livros que já leram. Assim, aumenta a opção para escolha e o interesse pelo ato de ler, pois os alunos passam a perceber que a leitura serve para o ato de comunicação.

O aluno poderá descobrir que a leitura é uma atividade que traz muitos momentos agradáveis. Praticando-a corno ato individual, o aluno encontrará o prazer de ler. Na obra ***A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura***, Silva (1986:61) apresenta a leitura como um processo de liberdade:

> "Ao ler, o aluno poderia relaxar... músculos... postura ... raciocínio. Poderia abandonar a lógica e a linearidade impostas pela escola ao modo de pensar e conhecer(...). Poderia deixar de ouvir o mestre, que tudo pode e tudo sabe, para ouvir a

> se mesmo e aí acreditar que também sabe e também pode... errar... parar de ler... discordar... não gostar... misturar... imaginar.., e sonhar. Ao ler poderia ficar só. E ficando só, sair do anonimato, da situação da massa a que fica submetido na escola. para recuperar o pessoal e nele o coletivo. Abandonar a condição do aluno.., aprendiz... ouvinte.., criança.., conceito... comportamento... para existir como pessoa e leitor. Sair do compromisso, da obrigação, da "atividade", escapando assim ao controle. à avaliação e à autoridade. Ler se quiser. Quando quiser. Onde quiser. O que quiser. Ler e desler. Ler e reler. Ler tudo e ler pela metade. Sem começar e sem terminar. Viver profundamente a ação de querer, experiência de prazer e liberdade" (SILVA, 1986:6l).

Diante o exposto, o capítulo a seguir, apresenta os principais aspectos do ensino da leitura na escola.

CAPÍTULO 2
O ENSINO DE LEITURA NA ESCOLA

Apesar das contribuições que o ensino formal vem recebendo constantemente na área da leitura, pode-se afirmar que essas contribuições ainda não conseguiram erradicar das escolas públicas o baixo grau de letramento de alunos. Uma prova disso encontra-se representada no texto de Cláudio de Moura Castro, publicado na Revista ***Veja***, (06/06/2002):

> "Não apenas a escola tem se preocupado com o desenvolvimento da capacidade de ler com proficiência, também outros setores da sociedade apresentam essa mesma preocupação. O Inep/MEC contratou uma clínica internacional para testar a competência em leitura de nossos estudantes. Os resultados mostraram que o nível de leitura, tanto da escola pública quando da privada, é muito baixo em comparação com outros países (1% em vez dos 6% da Coreia dos EUA) (Apud. Fascículos N°-01, 2002:3)".

As preocupações com o ensino não se limitam apenas a pesquisas eventuais, mas encontram-se também representadas de forma institucional, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), que

recomendam como prioridade no ensino da Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental e Médio, o desenvolvimento da compreensão/produção de textos.

A escola, principal instituição responsável pelo ensino formal da língua, tem contribuído para que essa situação permaneça, quando mantém um ensino de língua que desconsidera a língua em uso. Essa atitude, de certa forma, expressa, por um lado, a ideologia de que a língua é o resultado de padrões estabelecidos por gramáticos, e por outro lado, contraria as concepções registradas nos PCN, (1997). De acordo com esse documento, cabe, "***(...) à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e interpretá-los".*** Sabe-se que na prática, essa ação pouco acontece. A escola trata a língua como sendo algo morto, um conjunto de regras que precisa ser ensinado e aprendido. (PCN, 1997)

O ensino de leitura desenvolvido na maioria das escolas desconsidera as reais necessidades linguísticas dos alunos, ignora que um ensino centrado na decodificação do código escrito torna a aquisição leitora duplamente difícil. Primeiro, porque os textos são utilizados principalmente como pretexto para o ensino da decodificação; segundo, porque o código escrito passa a ser visto pelo aluno como um objeto de uso restrito da escola, que não serve de ferramenta para resolver seus problemas reais. Essas práticas, desenvolvidas de acordo com tal concepção, não atingem o objetivo (PCN, 1997:37) para o ensino de leitura:

> "(...) levar as crianças à construção dos significados dos textos lidos, e (...) envolvê-las no mundo da escrita, compensando, mesmo que de maneira muito limitada, a pouca exposição que a ela tiveram e que não permitiu valorá-la [a leitura]".

Alguns elementos contribuem para reforçar essa ação inócua: a) a ausência de uma teoria que dê conta do desenvolvimento de leitura das crianças; b) o uso do livro didático como única fonte textual; c) o despreparo ou o descompromisso do professor; d) os critérios de avaliação que humilhar o aluno e o levam quase sempre à recuperação e à reprovação. De acordo com Ferreiro (2002), a tradição do ensino da língua materna para alunos que já falam é tão forte que muitas vezes o professor não consegue atentar para o fato de que está ensinando uma língua que os alunos já conhecem e usam. A reprodução desse padrão escolar encontra apoio em livros didáticos os quais, em sua maioria, se caracterizam pelas perguntas livrescas e mecânicas, o que impedem o aluno de discutir o sentido do assunto estudado. Além disso, impedem também que o professor perceba as reais dificuldades dos alunos. Sobre perguntas livrescas Terzi(2001) afirma:

> "Embora os autores dos livros didáticos, que, com suas exceções, usam exclusivamente perguntas livrescas, afirmem ser o objetivo de tais perguntas o de levar o aluno a entender o texto, isso não é bem verdadeiro,

> uma vez que elas não conduzem à atribuição de sentido pela criança, como fazem as perguntas didáticas" (2001: 66).

Como consequência dessa visão equivocada verifica-se uma prática pedagógica inscrita nos moldes tradicionais, cujos frutos, em termos de aprendizagem são: a) o uso de uma pseudo-aprendizagem; b) a decodificação de símbolos gráficos sem a preocupação com o sentido; c) o hábito de responder perguntas ou localizar respostas de forma mecânica; d) a repetição de série; e) a incapacidade de fazer uso da língua em algumas situações reais.
A constatação de que "os alunos da escola pública concluem o Ensino Fundamental, mas não sabem ler", incomoda e obriga muitos professores a repassarem suas práticas de ensino. Tais resultados refletem um ensino retrógrado que subestima a capacidade dos educandos, uma vez que sob essa ótica tradicional, "***a aprendizagem é vista como um processo ativo, mas meramente receptivo"***. (KATO:1999, p.9).

2.1 LEITURA COMO DECODIFICAÇÃO

As atividades de leitura que dão suporte ao ensino de leitura como decodificação se restringem a tarefas totalmente desprovidas de significação. Um exemplo disso é a utilização do texto como pretexto para o ensino de ortografia; outro é a interpretação textual mecânica sem a devida abordagem da compreensão leitora. Essas práticas se contrapõem ao

pensamento de Kleiman (2001:12), para quem:

> "A leitura é um processo psicológico em que o leitor utiliza diversas estratégias baseadas em seu conhecimento linguístico, sociocultural e enciclopédico".

Na educação infantil, essa abordagem mecanicista se evidencia com outro exemplo que merece destaque e que representa problema para muitas crianças logo que entram na escola. Trata-se do uso da cartilha como um único recurso para o ensino da decodificação de letras e palavras, desligadas de um contexto real.
Essa forma de trabalhar a leitura implica prejuízos para o aluno, uma vez que não permite a ampliação da visão de mundo nem a valorização do uso gratuito da língua.
Para explicitar essa afirmação, vale ressaltar outro pensamento de Soares (2000):

> A escola leva os alunos pertencentes às camadas populares a reconhecer que existe uma maneira de falar e escrever considerada "legítima", diferente daquela que domina, mas não levam a conhecer esta maneira de falar e escrever, isto é, a saber, produzi-la (SOARES, 2000, p. 63).

Dessa forma as crianças não são motivadas a lerem significados, mas símbolos gráficos. Atividades de leitura com enfoque mecanicista não permitem que a criança perceba sentido no texto lido, uma vez que a ênfase recai sobre as complicadas relações

entre sons e letras do alfabeto. Essa prática dificulta a compreensão, limita interferências e estratégias cognitivas, além de impedir que o aluno perceba o papel da escrita numa sociedade letrada.
A preocupação da escola em alfabetizar o aluno para que este continue sua carreira escolar não é garantia de que ele se torne preparado para dar conta das necessidades que a vida cidadã exige. Na concepção de Ferreiro (2002) essa forma de ensinar a língua é grave, pois se a escola não procura alfabetizar para a vida e para o trabalho, para que ou para quem então estão alfabetizando?

2.2 LEITURA COMO AVALIAÇÃO

Uma prática ainda comum, mas que em pouco contribui com a formação de leitores é a exigência da leitura em voz alta com o objetivo de atribuir um conceito sobre a capacidade de leitura. Essa prática é justificada como um meio de permitir que o professor perceba se o aluno está entendendo ou não o que leu.
Essa concepção ignora que ler é compreender e que, para compreender, o leitor precisa desenvolver atividades cognitivas, como antecipação, reconhecimento de significados, identificação de dúvidas, incompreensão durante a leitura e inferências.
O resultado dessa prática, ainda adotada, mas nem sempre assumida por vergonha e, quase sempre, não modificada por acomodação, continua a promover, segundo Kleiman (2001:29): "***a formação de um pseudo-leitor, passivo e disposto a aceitar a contradição e a incoerência".***

Esse tipo de ensino encontra-se distante de atender de forma efetiva alguns dos objetivos expressos nos PCN — Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), no que se refere ao ensino da Língua Portuguesa:

> "· expandir o uso da linguagem em instâncias privadas e utilizá-la com eficácia em Instâncias públicas,, sabendo assumir a palavra e produzir textos — tanto orais como escritos — coerentes, coesos, adequados a seus destinatários, aos objetivos a que se propõem e aos assuntos tratados;
> · utilizar diferentes registros, inclusive os mais formais da veracidade linguística valorizada socialmente, sabendo adequá-los às circunstâncias da situação comunicativa de que participam;
> · conhecer e respeitar as diferentes variedades linguísticas do português falado;
> · compreender os textos orais e escritos com os quais se defrontam em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem os produz;
> · valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos;

- utilizar a linguagem como instrumento de aprendizagem, sabendo como proceder para ter acesso, compreender e fazer uso de informações contidas nos textos: identificar aspectos relevantes; organizar notas; elabora roteiros; compor textos coerentes a partir de trechos odundos de diferentes fontes; fazer resumos, índices, esquemas, etc.;
- valer-se da linguagem para melhorar a qualidade de suas relações pessoais, sendo capazes de expressar seus sentimentos, experiências, idéias e opiniões, bem como de acolher, interpretar a considerar os dos outros, contrapondo-os quando necessário;
- usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de reflexão sobre a língua para expandirem as possibilidades de uso da linguagem e a capacidade de análise crítica;
- conhecer a analisar criticamente os usos da língua como veículo de valores e preconceitos de classe, credo, gênero ou etnia." (1997: 4l- 42).

Frente ao preconceito, nem sempre bem dissimulado, de que os estudantes das escolas públicas não sabem, não querem e não conseguem aprender, é que muitos professores decidem encarar as dificuldades desses alunos como um desafio que pode e deve ser enfrentado de forma gradual e sistemática. Inseridos nessa perspectiva de ensino, procura-se desenvolver um trabalho que se opusesse e se

distanciasse da afirmativa de Soares (2000:63) de que a escola "***cria e amplia a distância entre a linguagem das camadas populares e o capital linguístico social e escolarmente rentável".***

À medida que o afastamento de um sistema de ensino que não leva em conta o ambiente social em que a criança nasceu e vive, há aproximação de uma concepção mais ampla de desenvolvimento humano, que defende a ideia de que a criança amplia sua visão de mundo a partir da interação com adultos, crianças ou pessoas mais experientes (VYGOTSKY, 1978)

Embasadas nessa teoria é que se procura conhecer os níveis de conhecimento dos alunos, planejar situações de aprendizagem e avaliar os progressos individuais na área de leitura. Para atingir resultados eficientes precisa-se interferir no ***ambiente alfabetizador,*** respeitando o ***ambiente linguístico*** das crianças. Esse embasamento indica o percurso a seguir rumo ao domínio de uma ***leitura compreensiva,*** defendida por Smith (1999). Segundo ele, existem dois requisitos básicos para a aquisição dessa leitura:

- "Disponibilidade de material interessante que faça sentido para o aluno;
- Orientação de um leitor mais experiente e compreensivo como guia"; (Fascículo N°1, 1999, p.2).

CAPÍTULO 3
LEITURA: UM ATO DE INTERAÇÃO

A leitura deve ser sempre entendida como um canal de interação entre o leitor e o mundo, segundo Soares (1990:110): ***"Leitura não é (...) ato solitário é interação verbal entre indivíduos e indivíduos socialmente determinados".*** Para se entender melhor, todo o processo que a envolve se fez necessário compreender as etapas que a constituem.

A leitura é uma atividade que abrange duas partes: a decodificação de sinais gráficos e a compreensão da mensagem. Esta última, para que se processe com maior eficácia, ainda depende de alguns pré-requisitos como: conhecimento prévio do assunto que se está lendo, o universo cultural do leitor, a rapidez na leitura, etc. Assim, o leitor através de leituras de vários textos desenvolve o seu senso crítico, formando opiniões próprias, encontrando novos valores.

Erroneamente, a leitura é encarada somente como urna atividade mecânica de decodificação, que consiste em aceitar todas as idéias de um determinado autor, esquecendo-se de que quem escreve está susceptível a erros. Saber ler não é saber decodificar os signos. É saber compreender o texto, podendo concordar ou discordar, dando opiniões a respeito do assunto e crescendo interiormente com a leitura.

Professores e alunos precisam ter consciência da importância da leitura para a libertação da alienação, pois como afirma Alliend ***"as pessoas que não leem tendem a ser rígidas em suas ideias e ações e conduzir suas vidas e trabalho pelo que se lhes transmitem diretamen***te" (ALLIEND; CONDEMARIN, 1987: p. 17).
Sendo assim, é preciso entender que o processo de compreensão da leitura é, antes de qualquer coisa, compreender o mundo e compreender-se neste mundo.
Veja o que diz Pilleti (1993:18):

> "Para promover a formação de um leitor crítico e criativo é preciso transformar a escola e a sala de aula num ambiente estimulador das mais variadas situações, o que permitirá que as crianças manifestem a leitura que fazem do real que as cerca...".

Para isto, os alunos precisam ter liberdade de expressão a fim de se sentirem inseridos neste mundo. Escutá-los é dar chance de revelar seu ponto de vista, não só em relação a um estudo de texto ou livro, mas também em relação ao mundo que nos cerca. Uma boa sugestão seria substituir as fichas de leitura dos livros paradidáticos por discussões orais. Essa escolha de texto, por sua natureza plurissignificativa, proporcionará discussões, trocas de ideias, entre os colegas (tendo, no entanto, o professor o cuidado para não aceitar uma interpretação

que não condiz de maneira nenhuma com a ideia do texto).
As mesmas servem ainda para expandir a comunicação oral e a concatenação das ideias dos alunos e, assim, contribuírem para melhorar a expressão escrita.
Através da leitura, pode-se ainda transpor as paredes da escola e descobrir o mundo lá fora, reconhecendo, assim, que não se está só no mundo, pois

> "(...) cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver ou encarar esta constatação evidente, enquanto educador ou educadora, significa reconhecer nos outros o direito de dizer a sua palavra. (...) Dizer-lhes sempre a nossa palavra sem jamais nos expormos e nos oferecermos a deles, arrogantemente convencidos de que estamos aqui para salvá-los, é uma boa maneira que temos de afirmar o nosso elitismo, sempre autoritário". (FREIRE, 1998, p.26).

O domínio da leitura é uma ameaça à dominação que a classe elitista tem sobre muitos e, face a essa constatação, a leitura como objeto de escolarização deve ser meta do educador, tendo este a compreensão de que ler é proposta de lazer e prazer, de enriquecimento cultural, de ampliação de horizontes, de leitura crítica do mundo.
Portanto, tendo uma visão crítica proporcionada pelo objeto escrito, poder-se-á compreender

melhor o mundo que nos cerca e analisar esse mundo de modo mais crítico, não aceitando tudo o que nos for apresentado. O processo de leitura, considerado em sentido amplo, ultrapassa o texto escrito, permitindo que se faça leitura não só dos textos, mas que essa leitura possa se expandir à compreensão das imagens, das ações das pessoas que nos cercam e de nossas próprias ações.
Compreendendo a leitura desse modo, os alunos terão mais capacidade de produzirem textos críticos e de organizarem suas ideias e valores. Sendo assim, o homem que não possuir o hábito da leitura será sempre um homem vazio.

3.1 DESENVOLVIMENTO DO LEITOR – AGENTES QUE INFLUENCIAM NA LEITURA

Para se entender e superar as dificuldades da prática leitora, devem-se levar em conta vários fatores, de acordo com Barros (1991):

> "Os erros na leitura e escrita parecem resultar não apenas da própria dificuldade em lidar com símbolos. Mas também de dificuldades emocionais que vão se acumulando pelos fracassos repetidos. A ansiedade intervém, em grau variável, nesses distúrbios. Por isso, a criança atrasada em leitura não gosta de ler e nem escrever, pois essas atividades representam um esforço sempre penoso". (BARROS, 1991: 141-150).

A leitura de boa qualidade assegura a educação de toda sociedade, promovendo a aprendizagem e

dotando os seres humanos de capacidade para se realizarem, possibilitando oportunidades para essas pessoas conheçam e manipulem a linguagem do mundo. ***"A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele"*** (FREIRE, 1994: 20).
Ler não deve se resumir a simples decodificação de signos e a identificação de seus significados, ler pressupõe uma série de aspectos e processos cognitivos e de outras ordens. Sinteticamente o leitor adiciona às informações do texto as experiências do mundo que tem, construindo o significado do texto. Isso pressupõe uma maior análise dos fatores que influenciam na execução dos trabalhos relacionados à leitura, que partem desde fora da escola, até mesmo dentro, trabalhado em quaisquer dos componentes curriculares.
O termo leitura é antigo e tem sido praticada desde a aprendizagem da língua materna, e que os povos começaram a pensar nas implicações futuras. Percebe-se pela evolução histórica da sociedade brasileira que no momento se declara denúncias e grandes lutas por uma nova ordem social. ***"Falar em condições para o desenvolvimento da leitura é ao mesmo tempo, colocar o problema das condições reais para o desenvolvimento do próprio homem dentro de uma sociedade concreta".*** (SILVA, 1993: 22).
Apesar do acesso à leitura e aos livros, a sociedade tem dificuldade de criar uma política de leitura. Partindo dessa dificuldade surge a manipulação da sociedade, pois para a classe dominante interessa

que a classe dominada não perceba e nem utilize tais condições reais de privilégios, fazendo com que fique alienado e sem um desenvolvimento crítico. A escrita acompanhada da leitura eleva uma classe sobre outra e por isso é viável para os dominantes a massa de analfabetos funcionais e de absolutos. ***"Uma cultura jamais será universal se o domínio da linguagem que o exprime for apenas de pequenos, de intelectuais e especialistas"*** (RODRIGUES, 1991: 101).

O pensar e o fazer sobre a natureza só se tornam possível porque o homem possui uma linguagem que é indispensável para a transmissão e recepção de conhecimentos. Há uma íntima relação entre a leitura e o nível socioeconômico da população. Como a riqueza não é igualmente distribuída neste país e como a miséria vem aumentando, a leitura tende a diminuir junto à massa da população. ***"O livro não deve ficar escondido. Livro fechado não tem vida".*** (GARCIA, 1992: 82).

Os livros das escolas devem ser lidos e vistos pelos alunos. As maiorias dos alunos jamais tiveram livros. Diante dessa realidade, a escola não está preparada para criar o hábito de ler. Algumas escolas têm bibliotecas e guardam os livros como se fossem pedras preciosas, trancadas.

A biblioteca de uma escola tem que ser a mais dinâmica possível, pois é de fato um complemento necessário e indispensável à formação de bons leitores.

A falta de leitura, tão observada nos dias atuais, reflete-se na dificuldade de expressão oral e escrita

existente entre os jovens que os acompanha até a universidade.

A importância de se habituar o aluno, desde o início de sua escolarização, a selecionar os livros que interessam a seus objetivos será muito útil, não só ao longo de seu processo de escolarização, como também pela sua vida afora.

A leitura se realiza com um diálogo do leitor com o texto lido, em função de expectativas, do prazer das descobertas e de suas vivências. A leitura tem uma dimensão social e está presente em toda parte. Nesse sentido concorda-se com Silva(1995):

> "Por ser um instrumento de aquisição e transformação do conhecimento, a leitura, se eleva a efeito critico e reflexivamente, levanta-se como um trabalho de combate à alienação, capaz de facilitar o gênero humano à realização de sua plenitude". (SILVA, 1995: 22)

Apesar de diversos entraves, a leitura é um importante instrumento para a libertação do povo e a reconstrução de nossa sociedade. Portanto, para que se integrem eficientemente no processo de produção, os profissionais da educação deverão estar capacitados e atualizados, para atender às exigências da sociedade.

3.2 PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

A escola pode ensinar novas formas de trabalho, despertar as iniciativas criadoras, favorecer o espírito

de investigação, pois como afirma Cagliari (1989):

> "A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos e a leitura... O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura. Se um aluno não se sair muito bem nas outras atividades, mas for uni bom. leitor, penso que a escola cumpriu em grande porte sua tarefa...Penso que a escola precisa ensinar os alunos a ler e entender não só as palavras, as histórias das antologias, mas também os textos específicos de cada matéria, as provas de cada área, as instruções de como fazer algo, etc. A leitura não pode ficar restrita à literatura e ao noticiário"(CAGLIARI, 1989: 148-149).

A leitura, por sua vez, visa enriquecer o conhecimento cultural, despertando a curiosidade e estimulando a criatividade, para uma sociedade melhor. ***"Professores e alunos precisam ler porque a leitura é um componente da educação e a educação, sendo um processo aponta para a necessidade de buscas constantes de conhecimento".*** *(* SILVA, 1993:19)

Isto se aplica no dever da escola abrir caminhos para a instrução do homem, para que possam crescer em seus aspectos afetivos, cognitivos e sociais. Para Garcia (1992), "... ***a escola é,*** às ***vezes, a única oportunidade que as crianças têm de entrar em contato com a leitura".***

Deste modo, a proposta pedagógica deve superar

o problema da divisão do saber. Esta contribuição será tanto mais eficaz quanto mais o professor seja capaz de entender os vínculos da sua prática com a prática social. Assim a leitura será vinculada a todas as disciplinas, que terão conteúdos específicos com finalidades sociais mais amplas.

A escola deve ter proposta de trabalho que possibilitem discussão com os alunos, sugerem desafios dando ênfase à compreensão em detrimento da mecanização.

Os textos e livros devem trazer uma proposta política, na qual a criança aprenda a se expressar, a participar e descobrir que seu esforço é sujeito de sua aprendizagem. "... ***uma concepção de leitura não pode deixar de incluir movimentos da consciência, voltados ao questionamento à conscientização e a libertação***". (SILVA 1993: 24).

Esta leitura permite a interpretação e expressão, partindo da discussão e debate dos leitores, dando oportunidade de análise critica.

A escola deve criar condições favoráveis para incentivar o estudante a assumir uma postura de cidadão consciente e participativo na sociedade, capaz de discriminar intenções e assumir atividades de maneira independente.

Em encontros educacionais, debate-se muito a necessidade de uma política de leitura, que contribua para o desenvolvimento do raciocínio, da criatividade, da reflexão, da análise e crítica, para formação de alunos leitores. ***"Uma coisa é criar, descobrir, arrolar e sugerir técnicas para*** se ***estimular à leitura, sem que muitas vezes será***

percebida a incoerência entre essas técnicas. Outra é desenvolver a capacidade de o gosto pela leitura". (GARCIA,1992:30)

No ambiente alfabetizador, criando a partir do repertório que a criança traz do mundo externo, ela se informa e sente segura para ir testando entre os sons e as letras sem medo de errar.

Desta forma respeita-se o processo de construção, de conhecimento e favorecendo a expressão espontânea da escrita e leitura.

"O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de lemas significativos à *experiência comum dos alfabetizados e não de palavras e de lemas apenas ligados à experiência do educador".* (GARCIA,1992: 29).

Partindo desse pressuposto, Vê-se que *"Ler é (...) construir uma resposta que integre uma parte das informações novas a tudo o que já sabemos"*. (BARBOSA, 1990:30)

As leituras na escola devem ser agradáveis, centradas em experiências do aluno. Todo tipo de texto deve ser aproveitado, e para um é preparado uma forma de leitura e estudo, podendo ser utilizados para o estudo da língua em todas e quaisquer disciplinas.

Muitas vezes a escola ignora a história de letramento dos alunos. Mesmo diante desta realidade, muitos professores continuam apresentando desprezo pelo conhecimento que o aluno possui, dai o primeiro passo para que seja concretizado o seu fracasso.

A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas.

Apesar da maioria do que se deve aprender na vida, terá de ser conseguido através da leitura fora da escola.

Sobre este assunto, Emília Ferreiro afirma que:

> "É informação variada aparentemente desordenada às vezes contraditórias, mas é a informação sobre a língua escrita em contatos sociais de uso enquanto que a informação escolar é frequentemente descontextualizada" (FERREIRO, 1993: 45).

Os professores devem ficar atentos de que os textos para leitura não podem estar desvinculados do ambiente social do aluno. Quando a escola se afasta do saber social, que o aluno traz do meio que vive, ela impede que o alunado cresça, consequentemente, vem o fracasso e o aumento da evasão escolar, atendendo ao capitalismo. *"A leitura é, fundamentalmente, uma prática social. Enquanto tal, não pode prescindir de situações vividas socialmente, no contexto da família, da escola, do trabalho, etc...".* (SILVA, 1993:47).

Na tendência tradicional, o ensino da leitura é mecânico e vem praticamente pronto sem que possam criticar, atendendo às classes dominantes.

Substituindo essa prática tão empobrecedora, surge a formação do leitor competente, aquele que compreende o que lê, que identifica elementos implícitos e que estabelece relações com outros textos. Isso vai depender do leitor, dos seus autos de consciência de encontro com a escrita. Deixa de

memorizar ou reproduzir e passa a compreender e criticar.

O crítico será formado quando o professor instrumentalizar o aluno para a análise da realidade, para a descoberta das contradições dos problemas, das soluções possíveis, buscando desenvolver essa prática dentro da situação concreta dos alunos.

Como retrata Freire, (1985: 64): ***"Pelo diálogo se abre um processo de desbravamento dos níveis obscurecidos de consciência, o processo de conscientização da realidade de se mesmo, do mundo".***

Nesse aspecto, a conscientização da realidade está tanto para o aluno como para o professor e todo profissional da educação. Urge que o educador e o educando observem a defasagem entre o imaginário inserindo nas leituras e o real, vivido pelos alunos. A leitura deve ser relacionada ao mundo real, como afirma Faundez (1989):

> "A língua, então, vem a ser considerada não como um mundo separado da realidade, mas, sim, como expressão e instrumento de comunicação com a realidade, e, portanto, expressão de domínio, de liberdade, considerada como totalidade" (FAUNDEZ, 1989: 59).

A leitura é uma das manifestações culturais mais ricas e complexas. Ela é parte importante da cultura, mas por sua vez, veículo de cultura, onde se manifestam através dela outras expressões culturais.

O atraso cultural na área da leitura é muito grande e não poderá ser resolvido por uma só classe de

profissionais. Cabe, portanto, unir os espaços entre as pessoas no mundo da leitura. ***"O primeiro passo em busca do espaço de leitura na escola: criar uma mentalidade profissional que acerte e tenha a leitura como condição de sobrevivência"*** (GARCIA, 1992:76).

Essa posição desejada para professores marca a preocupação de ter como principal obstáculo ao desenvolvimento da leitura na escola, a falta de compromisso em cada educador. ***"O conhecimento não é um dado aí, algo imobilizado, concluído, terminando, a ser transferido por quem o adquiriu a quem ainda não o possui"*** (FREIRE, 1994:28).

Deve ser o educador o primeiro a buscar na leitura os caminhos para as soluções de muitos problemas existentes na escola. Deve ser capaz de orientar seus alunos com competência, em busca de uma leitura prazerosa.

A leitura se reflete nas redações, quando tendo prazer de ler, os alunos descobrem o prazer de escrever.

> "A formação do gosto pela leitura depende do conjunto de interações, do circuito educativo cm torno dos livros, sendo que todas as pessoas envolvidas no processo... precisam conhecer referenciais pretendidos pelas obras, precisam sentir a beleza da palavra literária, precisam viver na prática o prazer da leitura" (Silva, 1991: 73).

Isso se consegue através da interação e do diálogo entre as pessoas que realmente curtem as obras, e

não com bibliotecários ou professores que se transformam em intermediários de editoras ou de programas pré-fixados.
A escola deve colocar o livro nas mãos do leitor, orientando e sugerindo a escolha, promovendo palestras, debates e entrevistas.
O professor deve ser leitor, interessando, aprendendo e aperfeiçoando-se com o mesmo. ***"O objetivo do leitor determinará a forma da leitura, não imporia qual seja o tipo de texto"*** (GARCIA, 1992: 78).
O importante é liberar o repertório do aluno, cada um lê com o repertório cultural que tem. Isto será mais atraente, trazendo o aluno cada vez mais para o mundo da leitura e escrita.
É imprescindível que a escola repense o seu papel, no sentido de educar, transmitindo conhecimentos através de sua prática, transformando a realidade, pois educação é a mediação entre a prática e a realidade.
Compete ao professor estar atento à defasagem dos textos face à realidade social, propondo aos alunos questionamento através de seus conhecimentos práticos. Efetivamente resultará um trabalho consciente e integrado, que despertará o senso crítico do aluno.
A tarefa de educar não é fácil e exige um espaço de atualização de professores e profissionais envolvidos, para implantação efetiva do sentido de educar para a democracia, para a verdadeira formação do homem crítico, íntegro e integrado na sociedade.

3.3 INTERAÇÃO FAMÍLIA, ESCOLA E COMUNIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA

A escola é uma instituição essencialmente social, pertence à sociedade e mantém sua estrutura sob a influência da mesma. ***"Dizem que uma pessoa não lê por falta de vontade, de dom e/ou mesmo por preguiça mental é perder de vista a estrutura da sociedade na qual todos nós estamos inseridos"*** (SILVA, 1993: 48).
A superioridade social do papel da escola se encontra limitada por influência da sociedade.
As sociedades de melhores condições socioeconômicas exigem mais da escola tentando evitar desperdício de talentos. Porém, a influência que a escola pode exercer quando se depara com alunos de famílias carentes que não incentivam os estudos, é, sobretudo, lastimável.
Por outro lado, em estudos sobre o desempenho do alunado sobre influência da família, detectou-se que é muito importante a linguagem aprendida nos primeiros anos de infância para o desenvolvimento da aprendizagem. O respeito às expressões linguísticas das classes populares é de grande importância para o desenvolvimento da leitura, pois esta linguagem é tão concreta, quanto a sua vida.
"***Os mecanismos de discriminação afetam principalmente a parte psicológica das crianças menos favorecidas socialmente, gerando o medo, a insegurança e/ou a obediência cega a padrões pré-determinados"*** (SILVA, 1993: 72).
Conclui-se que a desigualdade social influência nos

acessos e prosseguimentos dos estudos.
De acordo com a sociedade de convivência, a escola se vê obrigada a ajustar-se ao grupo para descobrir, desenvolver talentos e despertar o espírito de inovação e invenção dos alunos. Concorda-se, então, com Oliveira (1993) diz que:

> "É necessário que a meta da alfabetização universal suponha tanto a vontade política de integrar socialmente os marginalizados como também a transformação econômica necessária que constitui a infraestrutura adequada para tornar perenes as vitórias alcançadas". (OLIVEIRA, 1993: 176).

Assim, ao longo desta obra, observa-se a atenção para a importância de considerar tanto a expressão verbal, quanto à escrita como fenômeno social.
Para o desenvolvimento de uma sociedade, faz-se necessária boa funcionalidade de diversificação do sistema escolar. Para isso, os recursos humanos devem estar sempre atualizados e comprometidos com as mudanças do momento.
Na educação construtiva, a prática pedagógica vivenciada em sala de aula e na comunidade, fará com que o educando desenvolva suas potencialidades e com isso participe ativamente nos destinos da sociedade, atuando com agente transformador.
À medida que o professor assume o papel de estimulador, orientador e passa a propor atividades que permitam a criança aprender a fazer, fazendo, começa a organizar o ensino através da linguagem real, natural significativa e vivenciada pelo aluno.

Portanto, as condições socioeconômicas e culturais do meio do qual as crianças provêm, precisam ser levadas em conta pela escola ao planejar sua organização e seu currículo.
O aspecto de fundamental importância na integração do aluno à escola e o manejo da língua, na medida em que a avaliação do rendimento escolar nela se baseia. ***"Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto"*** (FREIRE, 1994:11).
Isso mostra que a compreensão e a crítica são fatores fundamentais para o alcance do estágio de conscientização, através da linguagem escrita.
A tomada de consciência leva a formulação de planos para superar os problemas cotidianos. Tais planos podem se tornar projetos de desenvolvimento, onde toda a comunidade estabeleça um consenso em torno de um modo de eliminar o atraso. ***"... A escola deve ser um grande acervo. Aberto a todos"*** (GARCIA, 1992: 23).
Sendo a escola uma parte da organização da sociedade, obrigatoriamente, ela reflete o modo de pensar, sentir e agir desses elementos. Em virtude disso o ensino deve ser trabalhado de forma crítica, como diz Silva (1993): "***Tanto o processo de educação como o de leitura, quando criticamente levados a efeito, indicam um movimento dos sujeitos de um lugar para o outro, procurando compreender e conhecer a razão de ser das coisas***". (SILVA, 1993: 02).

É importante e necessário o ato de ler tanto para professores, quanto para os alunos. E sem dúvida as características físicas e sociais do contexto familiar, com presença de livros, de leitores e situações de leitura apresentam um quadro de estimulação.
A família, a escola e a comunidade devem sempre estar em contato permanente, num diálogo mais aberto, para o melhor desenvolvimento do leitor crítico, formando uma sociedade crítica.

CAPÍTULO 4
DEMOCRATIZAÇÃO DA LEITURA

A educação precisa acompanhar a nossa realidade social. O mundo requer um saber mais democratizado e dinâmico. A leitura fragmentada e estática dificulta o atendimento da realidade como um todo.
O trabalho de democratização da leitura não é especificamente escolar, a leitura é espontânea,é familiar. Veja o que diz (SOLÉ, 1998:18) ***"poder ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes invenções..."***.
O leitor de hoje está exposto a uma multiplicidade de material escrito e é preciso saber ler tanto um aviso quanto uma bula de remédio. Todos precisam estar aptos a compreender essa quantidade de material impresso que os nossos olhos veem todos os dias.
Segundo Silva(1997): ***"A leitura é uma forma de diálogo, de interação com o outro que, via texto me constitui socialmente"***. (1997: 10).
Vê-se também em BARBOSA (1990) ***"Não existe leitura se não existir uma expectativa, uma pergunta, uma questão, antes da interação com o texto"***.
Ler não é ver o que está escrito, nem tampouco lhe atribuir uma versão oral, é ser questionado pelo mundo e por se mesmo, é saber que certas

respostas podem ser encontradas na produção escrita, é poder ter acesso, construir uma resposta que entrelace informações novas àquelas que já se possuía.

A palavra, seja falada ou escrita, sempre transmite referenciais de realidade, produzidos pelo escritor num determinado texto. Conforme o propósito e o interpretante do leitor, ler é dar vida a esses referenciais, expandir o conhecimento do mundo, através do esforço de compreensão e recriação dos referenciais mostrados pelo texto.

Tendo a escola se transformado no principal, senão o único reduto de ensino e aprendizagem da escrita, e, portanto, da leitura. *"O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de temas significativos a experiências comuns dos alfabetizandos"* (FREIRE, 1994: 29).

A escola constitui um lugar privilegiado para uma aprendizagem socializada, portanto, é importante que haja multiplicidade de indícios linguísticos ou não, um ambiente leiturizado, com acervos diversificados e ricos de leitura, de modo que as práticas possam ocorrer sem constrangimento.

Esse ambiente proporciona ao aluno uma estimulação intensa no sentido de usar sua capacidade de autoexpressão e de diálogo com sua realidade.

As novas tecnologias de imagem e informação, que a cada dia se tornam mais acessíveis são sem são, sem dúvida, poderosas ferramentas para o trabalho de democratização da leitura.

As novas tecnologias permitem um modo de ensinar e aprender necessariamente multidisciplinar,

cooperativo e integrado, inserido na realidade, o que pode oferecer algumas saídas para os desafios.

Para Silva (1997:09): ***"A informática não destrói a escrita. Ela simplesmente coloca em circulação um novo suporte da escrita: a tela do computador".***

Esses novos instrumentos técnicos advertem que é preciso desenvolver projetos de mídia-educação. Esta é a abordagem educativa em que as tecnologias e a linguagem de comunicação são vistas como integrante da identidade do homem moderno. Educar, hoje, significa capacitar o sujeito a ler, produzir e dialogar nas linguagens de nosso tempo, com suas estéticas, estabelecendo-se desde a escola como cidadão atuante e crítico. ***"A leitura é crítica quando conduz o leitor a mudar a sua prática, a assumir de outra forma sua postura diante do contexto, quando ela consegue desacomodá-lo, interrogá-lo, sensibilizá-lo".*** (GADOTTI, 1995:94).

Através da leitura o indivíduo pode desenvolver a capacidade, o interesse e a vontade de procurar as respostas para a vida e ao mesmo tempo, oferecer instrumentos para que ele as obtenha.

A interdisciplinaridade é a integração das diversas ciências auxiliares da Educação que visam resolver problemas nas diversas unidades do Sistema Nacional.

A língua deve ser trabalhada em quaisquer das disciplinas curriculares. Esse trabalho conjunto propiciará o diálogo da criança com a realidade. ***"O problema da escrita e da leitura, essência da língua é um problema de toda a escola, de toda matéria e de todo o professor, usuários cotidiano do código linguístico".*** (GARCIA, 1992:15).

O trabalho e o gosto pela leitura não devem ficar restritos à área de Português. Os professores de outras disciplinas precisam incentivar a leitura, além dos livros didáticos. ***"A escola continua se preocupando exclusivamente com um modelo imutável de leitura voltada somente à escrita dos livros, à escrita literária".*** (BARBOSA, 1990:115).

Realmente a liberdade de escolha existe com dificuldades. As leituras praticamente são impostas, ocorrendo o desinteresse e podando a criatividade, dificultando a concretização de seus projetos, deixando de lado o prazer, ocasionando um empobrecimento às potencialidades do leitor. Já Pilleti (1991) afirma que:

> "Conceber o ato de ler como um processo dinâmico, naturalmente se está priorizando a formação de um leitor, crítico e criativo. É evidente que a formação desse leitor não depende exclusivamente da escola, mas cabe a ela uma parcela da responsabilidade nesse trabalho" (PILETTI, 1991:17).

Há uma parcela da população de crianças e jovens que, por viver num contexto familiar privilegiado, rico em experiências culturais variadas, tem a oportunidade de conviver com adultos leitores que lhes proporcionam um contato prazeroso com a leitura. Os professores nesses casos podem ou não ter influência sobre a formação leitora de seus alunos, pois, para essa parcela da sociedade, há várias alternativas para se tornar leitor.

Cabe ao professor uma enorme responsabilidade para a qual ele precisará de todo apoio. ***"A mola propulsora do trabalho com a leitura é, sem dúvida, como o é de tantas outras atividades na escola, o envolvimento, o compromisso profissional do professor"*** (GARCIA, 1992:36).

Assim não há como fugir de que é necessário professor qualificado para o desempenho da usa função, promovendo alunos interessados, envolvidos com a leitura e a escrita com condições de oferecer a esse grande contingente de crianças e jovens subsídios que os preparem para enfrentar com condições os problemas de sobrevivência.

Um educador qualificado garantirá uma escola de boa qualidade. Além de educador, o alfabetizador assume o papel de mediador entre escola e comunidade, desenvolvendo uma ação social e política. Compartilha-se o pensamento de Rodrigues (1991) que diz:

> "A educação escolar como necessidade escolar a ser entendida por exigência da sociedade democrática, a sua oferta constitui dever do Estado, como instituição que congrega os interesses diferenciados de toda a sociedade" (RODRIGUES, 1991:96).

Cabe aos órgãos oficiais discutirem, proporem mudanças ou implementações através de programas, organizando materiais de caráter pedagógico, cursos de aperfeiçoamentos, garantindo a eficiência da educação. ***"O Estado é***

o educador dos educadores". (SILVA, 1993:23).
Existem editoras que não se preocupam em desenvolver atividades que facilitem a compreensão, dificultando a formação da criatividade do aluno. Além disso, o governo não acordou para a importância da implantação de uma política de leitura no País. Apesar das iniciativas de alterar o quadro cultural brasileiro, o desempenho do professor, formação de leitores políticos e fornecimento de material interessante de leitura, obtiveram resultados fracos, pois os projetos não atendiam as realidades concretas dos nossos leitores.
É necessário que todos repensem que, dar para obter sucesso no processo de desenvolvimento pedagógico, é importante partir da realidade concreta das crianças e seu comprometimento para a transformação da sociedade. *"Praticar a leitura, capacitando o leitor a desenvolver o gosto pela leitura".* (GARCIA, 1992:31). Para se desenvolver o gosto pela leitura é necessário que o leitor tenha acesso a livros, conversas e debates, onde o leitor tenha a possibilidade de virar autor. *"A escolha pessoal de livros deve ser incentivada, ainda que o professor possa orientar, recomendar e até mesmo sugerir textos, quando solicitado".* (SILVA, 1993:109).
O professor deve coordenar o diálogo, jamais influir ou impor. O educador e educando se fundem num só, pois quem ensina aprende e vice-versa. O professor pode ser uma autoridade sem negar ao aluno a oportunidade à prática da escolha.
No momento, professores e alunos estão conquistando, deixando formas tradicionais de encaminhar

a leitura, formando bibliotecas na classe, abrindo mais espaço para a leitura na sala de aula, facilitando a discussão e interpretação. *"... a escola, tantas vezes conservadora e reprodutora da ideologia dominante, abre espaço para que seja desenvolvida a crítica, como uma forma estratégica de vida"* (GARCIA, 1992:23).
É necessário que professor e demais envolvidos no assunto, repensem e planejem para as necessidades do momento e que disponham de recursos e conhecimentos, permitindo-lhes o aproveitamento das emoções e as criatividades dos alunos. *"Quem sabe ensina a quem não sabe, se recupere de seu caráter autoritário, é preciso que quem não saiba sobre tudo que ninguém sabe tudo e que ninguém tudo ignora"* (FREIRE, 1994:27).
O importante é que haja o esforço no sentido de melhorar a atuação pedagógica em nível de sala de aula, através da troca de experiências entre todos os envolvidos para desenvolver a capacidade de observação, que lhes servirão de apoio na prática propondo novos caminhos para a formação de consciências críticas.
A escola democrática e autônoma garante a qualidade de ensino possibilitando a sociedade ser alegre, competente, democrática, crítica e comprometida com as mudanças. Desta maneira as classes populares poderão adquirir conhecimentos e habilidades para participar do processo de transformação social. *"O professor certamente deve saber aproveitar as ocasiões da vida da classe para motivar a prática do dizer".* (BAJARD, 1994:90).

Cabe ao professor ajudar o leitor no processo de conhecimento, a caminhar desafiando e criando situações sistematizadas, desenvolvendo o conhecimento de forma organizada para que este expresse sua criatividade.
É nessa direção que o professor deve assumir com os alunos o processo de elaboração e produção de conhecimento, buscando articular o valor acumulado no cotidiano de cada um. ***"As crianças, como todos nós, gostam de ter evidência concreta a respeito do seu progresso em leitura".*** (SILVA, 1993:116).
Na prática funciona com a elaboração de textos, espelha-se em aspectos concretos do seu dia a dia. É difícil, mas faz com que os alunos sintam-se responsáveis pelo que fazem.
É um desafio que dá a leitura a responsabilidade de fazer com que o leitor domine, crie, discuta o rumo da história. A aprendizagem da leitura está intimamente ligada a aprendizagem da escrita.
O professor, com sua eficiência, tem facilidade em estimular a prática da leitura.
Infelizmente, o Brasil ainda é um país de analfabetos e não leitores. A escola não tem conseguido transformar alfabetizado em leitor, devido aos programas implantados que só ficaram no discurso, sem obter resultado positivo, as escolas ainda não possuem um sistema objetivo e regular de abastecimentos de livros, metodologias privilegiadas para o ensino da leitura, gerando o desgosto pela mesma.
É comum a reclamação de que as pessoas não lêem devido à influência da televisão.
A televisão não é a causa fundamental, esta advém

da participação desigual das classes sociais, no que se refere ao acesso e aos conhecimentos veiculados pela escrita e formas de conceber e de se produzir a leitura.
Para Marques de Melo, citado Silva (1993:57): ***" ... a literatura internacional sobre comunicação é rica em evidências que põem por terra a tese de que os Meios de Comunicação de Massa matam ou sufocam a leitura".***
Os meios de comunicação contribuem para o desenvolvimento da leitura, e esta ainda é o principal meio para o conhecimento. ***"Uma das qualidades mais importantes do homem novo e da mulher nova é a certeza que têm de que cedo o novo fica velho se não renovar".*** (FREIRE, 1994:86).
As novas linguagens, utilizadas pela televisão, computador, enfim, veículos audiovisuais são inevitáveis e irreversíveis. É necessário que haja muito diálogo com os alunos para saber o que eles gostam, o que ouvem, o que veem na televisão, etc.
As crianças e adolescentes têm gostos diferentes, nem sempre confessam na escola sobre o que realmente gostam, o que prejudica a formação de hábitos de leitura.
A criança faz descobertas desde que nasce, e quando chega à escola, novas descobertas realizarão por influência da leitura e da escrita. A curiosidade, que é um aspecto marcante na infância, serve de estímulo, do interesse pelas coisas que os rodeiam e de incentivo a observação do mundo que ela vive.
Também não deve ser esquecida a valorização e o espaço às leituras de lazer e informação que estimulem

ainda mais a curiosidade para o crescimento do leitor. Ao aluno deve ser assegurado o direito de falar e opinar, dessa forma, ele apresentará suas descobertas e se tornará mais questionador.
É necessário que professores leiam mais para crescer o seu saber de formar a atender as necessidades do aluno. A escola, muitas vezes, destrói a leitura de mundo. Com isso, a leitura passa a ser um elemento motivador de evasão e de repetência escolar.

> "Comumente, na leitura transformada em disciplina escolar ocorre que o texto seja comunicação antes de expressão, de um outro (autor do livro) quando ele mesmo ainda não tem maturidade para se expressar" (YUNES; PONDÉ, 1989:72).

Dentro desta visão, o aluno é preparado para adquirir a prontidão, através de exercícios de psicomotricidade. A seguir, lhe são ensinados os mecanismos da escrita e leitura, para depois conseguir fazer a leitura com compreensão, entonação e escrever frases.
Deste modo pressupõe que a escola é o oposto da partida para a leitura e para a escrita. Deixa assim a parte principal, que é o conhecimento, da língua e do mundo, que as crianças possuem e as formas que elas têm de assimilar novos conhecimentos. ***"A autoridade do autor didático condiciona a leitura, conduz as respostas"*** (YUNES; PONDÉ, 1989:72).
Os textos com que os alunos se defrontam em sala de aula, em sua maioria, estão comprometidos com

a ideologia de reprodução e alienação, gerando o afastamento do leitor.
Não é necessário instrução para que aprendam a ler, precisam de uma razão para aprender a ler. Sem significação e compreensão, a criança não está aprendendo a ler.
Urge que a massa estudantil de hoje e de amanhã leia criticamente a realidade e os textos que a representam.
A transmissão e a transformação da cultura ainda se fazem através da apreciação crítica e da reprodução de textos. Para toda essa transformação, professores e demais envolvidos no processo da leitura devem procurar ser, eles mesmos, bons leitores. ***"Para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura".*** (BAMBERGER, 1994:17).
O professor geralmente não é leitor e assim fica difícil entusiasmar os alunos e se tornarem leitores. Antes de qualquer coisa, o professor deve ler e gostar do que leu, perceber se a temática do texto ou obras tem relação com sua turma, se a linguagem e o conteúdo vão despertar interesse aos alunos.
Dessa forma o país, a longo e médio prazo, poderá reverter o quadro, transformar o alfabetizado em leitor.
A escola é o caminho para o início desta transformação, uma escola transformadora é consciente do seu papel político, contra as desigualdades sociais e econômicas, proporciona as camadas populares o ensino eficiente, é instrumento que lhe permite a participação cultural, política e social.
As novas linguagens, utilizadas pela televisão,

computador, enfim, veículos audiovisuais são inevitáveis e irreversíveis. É necessário que haja muito diálogo com os alunos para saber do que eles gostam, o que ouvem, o que veem na televisão etc.
A criança faz descoberta desde que nasce, e quando chega a escolas novas descobertas realizarão por influência da leitura e da escrita.
A curiosidade, que é um aspecto marcante na infância, serve de estímulo, do interesse pelas coisas que os rodeiam e de incentivo a observação do mundo que ela vive.
Também não devem ser esquecidos a valorização e os espaços às leituras de lazer e informação que estimulem ainda mais a curiosidade para o crescimento do leitor.
Ao aluno deve ser assegurado o direito de falar e opinar, dessa forma, ele apresentará suas descobertas e se tornará mais questionador.
Sendo a escola percussora dessa transformação cabe aos educadores e tomarem como base os comentários de Brandão (1997:22), a respeito do pensamento de Freire (1981):

> "A leitura como atividade de linguagem é uma prática social de alcance político. Ao promover a interação sobre os indivíduos, a leitura compreendida não como leitura 'leitura do mundo', deve ser atividade de sujeitos capazes de inteligir o mundo e nele atuar como cidadão".

Para isso, é necessário acolher melhor a criança com a qual se trabalha, suas características

e sua capacidade. Pode-se provocar o seu desenvolvimento, como afirma Bacha (1975: 12-13), em seus estudos, ***"Para ensinar algo a alguém é necessário saber como este alguém aprendi (...)".***

CONCLUSÃO

Pelo que se explicita nesta obra, vê-se a situação insatisfatória da escola no que diz respeito à formação de leitores proficientes, uma vez que os mesmos não demonstram nenhum interesse pela leitura.
Se a escola trata as atividades de leitura com função somente escolar, o aluno não sentirá estímulo para realizar essa atividade já que na sua vida prática ele acha que não precisará dela. Quando ele se deparar com a necessidade do uso dessa atividade, sentirá muita dificuldade para desenvolvê-la.
Fazendo uma análise dos elementos estudados através desta pesquisa e da experiência como professor, pode-se perceber que a situação da leitura na escola não está se desenvolvendo como deve e que é preciso fazer algo para modificar isso.
Nesse sentido concorda-se com SOLE (1998:34) ao expor:

> "Considero que o problema do ensino na escola não se situa no nível do método, mas, na própria conceituação do que é leitura, da forma em que é avaliada pelas equipes de professores do papel que ocupa no projeto curricular da Escola, dos meios que arbitram para favorecê-las e, naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la".

Diante do exposto, fica clara a urgência para o resgate da leitura. E o professor, responsável também por esse ato, deve utilizar o seu espaço de liberdade – a sala de aula – para desenvolver ações didático – pedagógicas para mudar a situação, criando ambientes leiturizados para que despertem e mantenham acessa a chama do leitor, iniciando-se esse trabalho com a criação de uma política de leitura, que deve ser caracterizada como a essência do processo que possibilita a participação do homem na vida em sociedade.

Nessa perspectiva, se o professor começar a trabalhar o estímulo à leitura a partir das sugestões apresentadas no sub item "Leitura como objeto de prazer", para depois trabalhar a importância da leitura crítica, os alunos passarão a desenvolver o hábito de ler. Não se quer dizer com isso que leitura é somente lúdica. Tendo em vista que a liberdade de escolha dos alunos é muito importante nesse aspecto para estimular o gosto pela leitura, o professor não poderá esquecer que o aluno deverá ter opções para escolha, e se a escola dispõe de uma variedade muito grande de livros deverá fazer acompanhar para suprir isso ou os alunos de uma classe poderá fazer trocas de seus livros. Um bom exemplo para saber se alunos mudaram sua postura em relação à compreensão crítica da leitura, é observar as discussões feitas em um certo período de tempo a partir da leitura de livros paradidáticos conforme sugeridos nesta pesquisa.

Espera-se que as sugestões dadas, no que diz respeito à leitura, criem o hábito da leitura para

assim o professor trabalhar com maior facilidade a produção escrita já que essas duas atividades não são dissociáveis, pois o aluno que lê com frequência terá muito mais facilidade em escrever, além de se tornar um leitor proficiente mediante uma prática constante de leitura de textos que circulam socialmente. Esse ebook pretende envolver todos os alunos, inclusive, aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente.

Convém ressaltar que a escola, ainda que de maneira insatisfatória, está tomando consciência, pouco a pouco, da importância da leitura e tentando buscar metodologias adequadas para a formação de leitores proficientes.

BIBLIOGRAFIA

ALLIENDE. Felipe; CONDEMARIN, Mabel. **Leitura:** Teoria, avaliação e Desenvolvimento. Tradução por José Cláudio de Almeida Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

BAJARD, Elie. **Ler e dizer:** Compreensão e comunicação do texto Escrito. São Paulo: Cortez. 1994.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. *5* cd. São Paulo: Ática, 1991.

BRASIL, Secretaria de Educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF,1997.

BARRETO, Raquel Goulart. **Novas Tecnologia na Escola.** Uma Revolução Educacional. Presença Pedagógica. Belo Horizonte: Dimensão. (13) Jan/Fev./1997: 3 1-37.

BRANDÃO, M .**Alfabetização e Leitura.** São Paulo. Cortez, 1992.

CALKINS, Lucy McCormick. **A arte de ensinar a escrever**. Trad. de Daise Batista, Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FAUNDEZ, Antônio. **Oralidade e Escrita**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FERRERO, Emilia. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1991.

FRANCHI, Egiê Pontes. **Pedagogia da Alfabetização**: da Oralidade **à** Escrita. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano; MAZZA, Débora. **Fazer escola conhecendo a vida**. São Paulo: Papirus, 1990.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1994.

GADOTTI, Moacir. **Educação e compromisso**. São Paulo: Papirus, 1995.

GARCIA, Edson Gabriel. **A leitura na escola de 1° Grau**. São Paulo: Loyola. 1992.

GNERRE, Maurízio. **Língua, escrita e poder.** São Paulo: Martins Fontes, 1985.

KLEIMAN, Ângela**. Oficina de Leitura Teoria e Prática.** 5° Edição. Campinas – São Paulo: Pontes, 1997. p. 15-30.

MARÍN, Peter & STANLEY, Vicent & MARIN, Kathryn. **Os limites da Educação Escolar**. Trad. de Claudia Gerpe. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

PARANA, Secretaria de educação e Cultura.**Ensino de língua portuguesa**. Curitiba, 1997.

OLIVEIRA, Pérsio Santos de. **Introdução à Sociologia da Educação.** São Paulo: Ática, 1993.

PILETTI, Claudino. **Didática Especial**. São Paulo: Ática, 1991.

RODRIGUES, Neidson. **Por Uma Nova Escola**: o transitório e o permanente na educação. São Paulo: Cortez / Autores Associadas, 1991.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez / Autores Associado, 1987.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de Pedagogia da Leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O Mundo das Leituras.** Dois Pontos. Belo Horizonte: Cultura, (34) Set/Out/1997: 07-11

SMITH,F. **Compreendendo a leitura**. Porto alegre, Artes Médicas,1989.

SILVA, Lilian Lopes Martins da. **A escolarização do leitor: a didática da destruição da Leitura**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

STEIN, Suzana Albornoz. **Por uma Educação Libertadora**. Petrópolis Vozes, 1985.

TEBEROSKY, Ana & CARDOSO, Beatriz. **Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita**. São Paulo: UNICAMP, 1991.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes,1995.

YUNES. Eliana & PONDE. **Leitura e Leituras da Literatura Infantil**. São Paulo: FTD, 1989.

YUNES. Eliana & PONDE. **Leitura e Realidade Brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

YUNES. Eliana & PONDE. **Leitura na Escola e na Biblioteca**. Campinas: Papirus. 1991.

YUNES. Eliana & PONDE. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 1993.

Esta obra foi composta em fonte Montserrat pela Editora Científica Aluz em abril de 2023.


Editora